
**CONCEPTUALIZANDO A PRÁTICA DA ENFERMAGEM
A PARTIR DE PAULO FREIRE**

Rosemary Silva da Silveira *
Valéria Lerch Lunardi **
Cleusa Rios Martins ***
Ana Rosete Maia ****
Patrícia de Souza Mano *****

RESUMO

A proposta de Paulo Freire vem marcando profundamente a formação profissional, política e afetiva dos educadores. A enfermagem vem se apropriando de seus conceitos e método com o propósito de alcançar mudança em seu fazer. Este artigo explicita conceitos construídos a partir de Freire que sustentaram uma prática assistencial de problematização do cotidiano do trabalho junto a enfermeiras e auxiliares de enfermagem, com vistas a sua conscientização como trabalhadoras da equipe de enfermagem. Para tanto, são descritos os seguintes conceitos: diálogo, homem, trabalho, enfermagem, educação, problematização e conscientização.

Palavras-chave: Descritores. Recursos humanos de enfermagem. Equipe de enfermagem. Condições de trabalho.

INTRODUZINDO A TEMÁTICA

Vários autores vêm adotando as idéias e os conceitos de Freire (1980, 1993, 1997a, 1997b) para subsidiar suas produções científicas e seus cotidianos profissionais. Especificamente na área da enfermagem/saúde, no desenvolvimento de um trabalho que se pretende coletivo, nas relações com clientes, família e comunidade, continuamente desenvolvemos ações educativas, com um caráter político. Nosso fazer, de modo consciente ou não, expressa valores, crenças, (des) conhecimentos, podendo inspirar outras ações, o que possibilita concretude à dimensão educativa.

Cotidianamente, nossas práticas revelam valores e conceitos, apesar de frequentemente não termos consciência dessas concepções. Adotar um referencial teórico a partir de uma concepção de mundo, de pressupostos, requer a explicitação de conceitos que demonstrem a aderência à concepção teórica eleita. O exercício de construção de um marco conceitual exige rever-nos, bem como a revisão de pré-conceitos e valores frente às idéias teóricas a serem adotadas em uma prática em busca de mudanças.

Trentini (1987, p. 139) define marco conceitual como um “conjunto de definições e conceitos, inter-relacionados, com o objetivo de apresentar maneiras globais de perceber um

* Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem. Bolsista do PQI/Capes. Professora do Departamento de Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

** Doutora em Enfermagem. Departamento de Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

*** Doutora em Enfermagem. Professora do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC.

**** Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

***** Economista. Assistente de Pesquisa da Pastoral da Criança. Colaboradora da área Organizacional de Sistematização da Assistência de Enfermagem do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Júnior – HU.

fenômeno e de guiar a prática de um modo abrangente”. Vista desta forma, a estruturação de um marco conceitual tem como finalidade servir de referência para a prática profissional, demandando, para tanto, clareza em relação aos pressupostos, conceitos e estruturas teóricas que nortearão a prática, para que possamos alcançar os objetivos propostos. Entendemos como marco conceitual uma sustentação teórica “da” e “para a” construção mental de conceitos articulados, através dos quais vemos uma determinada realidade, repensando tais achados de modo a mobilizarmos para novas ações na construção do conhecimento e de intervenção da realidade.

Este artigo explicita, portanto, conceitos construídos a partir do referencial de Freire, os quais sustentaram uma prática assistencial com a intenção de problematizar o cotidiano do trabalho junto às enfermeiras e auxiliares de enfermagem de um Hospital Universitário, com vistas a conscientização desses profissionais como trabalhadores da equipe de enfermagem.

A explicitação e a compreensão dos conceitos que norteiam e sustentam nossa prática profissional possibilitam a implementação de ações mais articuladas teoricamente. Muitos desses conceitos, principalmente, em uma proposta de prática transformadora, podem parecer idealizados, entretanto, possuem um caráter não apenas utópico, mas constituem-se em eixo teórico catalisador de ações que favorecem a construção de uma realidade desejada.

APRESENTANDO OS CONCEITOS

Em várias obras de Paulo Freire ou de autores que escrevem sobre a sua proposta, o “Círculo de Cultura” tem sido apontado como um método de trabalho no qual é fundamental que o estimulador assegure o **Diálogo** e a participação dos componentes do grupo. Esse método baseia-se em uma relação horizontal, dialógica e participativa, em que não existe um que sabe e outro que não sabe, mas um educador que pode aprender com os educandos e educandos que podem aprender com o educador, em uma possibilidade permanente de troca de conhecimentos.

Freire defende uma proposta de mudança no processo educacional, voltada aos interesses da classe dominada, isto é, para a maioria da população brasileira, visando a sua emancipação por meio de uma transformação social. O autor não propõe uma teoria pronta e acabada, mas sim conceitos a serem relacionados com a nossa prática, dentre eles destacam-se: homem, diálogo, educação, problematização e conscientização. Essa proposta requer uma postura de ida e volta, das partes ao todo e do todo às partes, propiciando percepções cada vez mais críticas da situação codificada, do concreto; percepções significativas da realidade dos educandos, permitindo-lhes reconhecer a interação possível entre as partes e o desenvolvimento da sua consciência crítica.

O foco dos trabalhos que utilizam o método de Freire (1980, 1993, 1997a, 1997b) tem sido bastante variado. De acordo com Saupe (1997), a enfermagem vem se apropriando de sua teoria, dos conceitos e método por ele proposto, fundamentando a reflexão e orientando o papel de muitos enfermeiros enquanto educadores, direcionando nosso estudo para a área da saúde, para as relações construídas entre os profissionais e a comunidade e entre os próprios profissionais.

A **Educação** não pode ser feita por um sujeito isolado, mas deve ser feita como um ato coletivo, visto configurar-se como um processo de trocas entre as pessoas. Pode ser concebida como um processo por meio do qual o homem busca a superação de suas imperfeições, preparando-se para a crítica, propondo e construindo alternativas ou possibilidades de caminhos. Freire (1997a, p. 10-11, 32) considera que “a educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização”; um ato construído pelos sujeitos que aprendem e ensinam por meio de suas relações dialógicas. É esse conhecimento construído e refletido que leva à consciência crítica, à conscientização e à transformação: “a educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem”.

A educação pode ser vista como um processo de reflexão do homem sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. Quanto mais ele refletir acerca de sua realidade, de sua

situação concreta, como um homem em relação, mais poderá descobrir-se como sujeito plenamente consciente, comprometido, fortalecido para intervir na realidade. Pode constituir-se em instrumento para que o homem construa a sua cultura e a sua história, permitindo o estabelecimento de relações de reciprocidade entre os homens, como sujeitos, com a possibilidade de participação na transformação do mundo.

A educação, na perspectiva freiriana e como problematização, se estabelece em uma relação dialógica entre os homens, garantindo a participação de todos, ultrapassando o senso comum e aumentando o conhecimento e a visão crítica da realidade. Gadotti (1997, p. 727), como seguidor de Freire, afirma que “a problematização é a ação de refletir continuamente sobre o que se disse, buscando o porquê das coisas, o para quê delas”. Nela, os sujeitos, através do diálogo e do crescente desvelamento crítico da situação, procuram reconhecer-se como sujeitos da sua história, desencadeando uma reflexão relativa a suas práticas, problematizando-as, buscando desenvolver uma consciência crítica que os mobiliza para uma outra ação: “problematizar é propor a situação como problema. A problematização nasce da consciência que os homens adquirem de si mesmos que sabem pouco a seu próprio respeito. Esse pouco saber faz com que os homens se transformem e se ponham a si mesmos como problemas” (GADOTTI, 1997, p. 727).

Compreendemos como **Problematização** o ato de olhar, de analisar a si e a sua posição no mundo, sua relação com a realidade; de questionar o que se apresenta, levando o homem à criticidade, a posições indagadoras, inquietas e, conseqüentemente, potencialmente criadoras. Partindo da problematização sobre a realidade vivida e o cotidiano do trabalho, o homem poderá descobrir ou entender fatos ou coisas escondidas e veladas que não conseguimos perceber no nosso dia-a-dia. Para Freire (1997a, p. 60):

a mudança de percepção, que se dá a partir da problematização de uma realidade concreta, no entrecruze de suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica admirá-la em sua

totalidade: vê-la de ‘dentro’ e, desse ‘interior’, separá-la em suas partes e voltar a admirá-la, ganhando, assim, uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. Implica uma ‘apropriação’ do contexto, uma inserção nele, um não ficar ‘aderido’ a ele; um não estar quase ‘sob’ o tempo, mas no tempo. Implica reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante. Implica, finalmente, o ímpeto de mudar para ser mais.

Então, a partir da problematização, o homem vai desenvolvendo sua consciência crítica, ou seja, na relação dialética com o mundo, o homem se descobre como pessoa inserida e integrada neste mundo. Essa progressiva tomada de consciência, gerada pelo conhecimento crítico da realidade, leva à conscientização.

Para Freire (1980, p. 25), “**Conscientização** é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”, um trabalho que deve ser feito ou co-participado coletivamente, de modo a alcançar o conhecimento da realidade vivida. A conscientização dá-se na práxis, ação-reflexão-ação, na relação teoria-prática. A conscientização decorre do ato de pensar juntos, de trocar idéias, partindo de situações existenciais, espantando-se perante o conhecimento, dialogando, criticando, sendo criticado, conhecendo-se a si mesmo; implica uma nova compreensão do mundo, mais crítica, mais criativa e mais comprometida, transformando não só o modo de pensar, mas o de agir.

A conscientização

é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece.

Somente o homem é capaz de tomar distância frente ao mundo, sobre a sua realidade e “agir conscientemente sobre a

realidade objetivada”. Assim sendo, ele é capaz de distanciar-se, objetivá-la e conhecê-la criticamente; mas embora seja capaz de conhecer, em um primeiro instante “a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica” (FREIRE, 1980, p. 26).

Ao assumir a condição concreta em que está, como sujeito que busca compreender seu papel nessa realidade mediante o conhecimento de si, do questionamento dos fatos, do enfrentamento de suas situações limites, consciente da relação que tem com o contexto, o homem é capaz de enfrentar os desafios, de mudar a significação desse contexto por meio de sua ação.

À medida que o homem assume uma atitude comprometida e insere-se criticamente na realidade, pode tornar-se mais responsável e fazer-se consciente de sua existência, ou seja, construir a si mesmo e ser sujeito. A conscientização apresenta-se como um processo na busca permanente do homem em descobrir a si e ao mundo; varia de acordo com o nível crítico de seu conhecimento em relação a determinado objeto, por intermédio da tomada consciente de sua temporalidade.

O **Homem** é um ser da práxis, ou seja, um ser capaz de comprometer-se, de agir, de refletir e, a partir daí, mudar o seu agir. É um ser que pode refletir sobre si mesmo e perceber-se em um determinado momento, em uma certa realidade. Como pode realizar essa auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, em constante busca de ser mais. É, essencialmente, um ser de relações, em constante interação com o meio ambiente, fazendo parte de um processo de inter-relações com os outros seres.

O homem, como assevera Freire (1997a, 28-30), “está no mundo e com o mundo” [...] “Isto o torna um ser capaz de relacionar-se, de sair de si; de projetar-se nos outros, de transcender”, “deve ser o sujeito de sua própria educação”, um ser capaz de ajustar-se à realidade, de transformá-la através da criticidade, a partir da reflexão sobre sua posição e inter-relações com o ambiente. O homem tem possibilidades de captar sua realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Quando o homem apreende e “compreende sua realidade, pode levantar

hipóteses sobre o desafio desta realidade e procurar soluções”, bem como alternativas para enfrentá-las: “assim, pode transformá-la e, com seu trabalho, pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”. Pelo jogo constante dessas respostas, o homem transforma-se no ato de responder aos desafios que se apresentam em seu contexto de vida, construindo-se, criando sua própria cultura.

O trabalhador tem potencial para ampliar sua compreensão acerca do processo de viver, de ser saudável, de adoecer e de morrer dos seres humanos, inclusive o seu próprio. Inserido em um contexto social, possui uma experiência de vida e de trabalho, uma visão de mundo com a qual interage na realidade. Pode buscar, mediante a problematização e reflexão de situações concretas vividas, respostas aos desafios que se apresentam. Freire (1997a, p. 48) assim se refere ao trabalhador:

o trabalhador social que atua numa realidade, a qual mudando, permanece para mudar novamente, precisa saber que, como homem, somente pode entender ou explicar a si mesmo como um ser em relação com esta realidade; que seu fazer nesta realidade se dá com outros homens, tão condicionados como ele pela realidade dialeticamente permanente e mutável e que, finalmente, precisa conhecer a realidade na qual atua com outros homens. Esse conhecimento, sem dúvida, não pode reduzir-se ao nível da pura opinião (doxa) sobre a realidade. Faz-se necessário que a área da simples doxa alcance o logos (saber) e assim canalize para a percepção do ontos (essência da realidade). Este movimento da pura doxa ao logos não se faz, contudo, com um esforço estritamente intelectualista, mas na indivisibilidade da reflexão e da ação da práxis humana.

O **Trabalho** pode ser entendido como uma relação entre os homens por meio da natureza; a natureza é externa ao homem, porém, ele faz parte dessa natureza e constrói uma natureza própria, uma natureza de homem. Através do trabalho, o homem poderá perceber sua posição no mundo e com o mundo, como um ser criador que vai alterando a realidade. O

homem necessita relacionar-se com o mundo, fazer do trabalho objeto de seu conhecimento e pode, por intermédio dele, submeter-se a um processo de transformação; pode descobrir que o trabalho é um modo de amar, de construir um mundo melhor. É pelo trabalho que o homem poderá fazer sua opção de **ser mais** ou a favor da permanência, do acomodar-se.

O trabalho é parte de nosso viver. Pode ser visto como um recurso para favorecer a harmonia e o equilíbrio em nós mesmos, pode ser contemplado, também, como um meio de sobrevivência e de realização pessoal. Entretanto, o trabalho não se limita apenas à atividade em si, mas está permeado de valores do próprio trabalhador, do meio social, da instituição onde é exercido.

Neste sentido, a **Enfermagem** é uma profissão da área da saúde que existe para interferir positivamente na qualidade de vida dos indivíduos e grupos sociais, no seu processo de “ser mais”, no enfrentamento de seu processo de viver. É uma profissão que se preocupa em estimular os sujeitos para a realização do cuidado individual e coletivo, no qual os sujeitos trabalhadores buscam fortalecer-se para ocupar um lugar no mundo e ampliar seus conhecimentos de modo a qualificar a assistência prestada.

O trabalho da enfermagem, por conseguinte, não é simplesmente o desempenho de uma atividade a ser cumprida, pois ele faz parte de um **Trabalho Coletivo**, em que os trabalhadores vivem e convivem com outras pessoas, tendo como objetivo o compromisso com a vida, tanto dos clientes quanto de seus trabalhadores. O trabalho coletivo é um trabalho co-participado, com espaço para o diálogo, para a reflexão, para a decisão em conjunto, vislumbrando a possibilidade de organizar o trabalho da enfermagem de uma forma mais comprometida, na qual as pessoas se sintam estimuladas e desafiadas a um “cuidar”, de si e do outro, com qualidade e resolutividade.

Sendo assim, o trabalho da enfermagem como um instrumento para o trabalhador chegar a “**ser mais**”, sob o ponto de vista ético pode representar mais vida para o profissional que o exerce, ou seja, a descoberta de um sentido à vida, através da busca do prazer no trabalho e de maior felicidade. Isto pode ser

possível pelas relações que se estabelecem entre os membros da equipe, com base no respeito, nas trocas de experiências, na descoberta de possibilidades bem como no diálogo, que é “o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1992, p. 43).

Dessa maneira, compreendemos que a enfermagem poderá ser direcionada tanto ao bem estar do homem quanto ao estar melhor do homem, para a descoberta de suas potencialidades. Poderíamos, desse modo, considerá-la como um diálogo intencional, em que os homens (trabalhadores de enfermagem, clientes e demais profissionais) possam partilhar suas vivências para chegar a “**ser mais**”. O trabalho, de acordo com as condições oferecidas no ambiente em que é realizado, pode influenciar a história de vida dos trabalhadores, favorecendo o seu processo de viver, especialmente se oferecer um espaço para a realização pessoal, profissional, para o prazer, para a descoberta de si e do outro como sujeitos construtores de seu processo de trabalho, de sua história.

Entendemos **Saúde-Doença** como um processo de viver do homem na relação com o seu ambiente, ou seja, um processo de equilíbrio/desequilíbrio condicionado tanto por fatores externos como internos. Um processo de viver do ser humano, aberto às experiências de sua vida. A enfermagem, na sua forma de organizar-se, no modo como é exercida, pode influenciar no processo saúde-doença dos clientes, dos próprios trabalhadores e dos profissionais com quem se inter-relaciona. Assim, o ambiente em que os trabalhadores de enfermagem exercem seu fazer influi nas suas condições de vida e de trabalho, no processo de “viver saudável” e na qualidade do trabalho que é prestado.

O **Ambiente de Trabalho** é compreendido como o espaço físico e social onde ocorrem as relações de trocas entre os homens e a possibilidade de transformação da realidade. Pode, ou não, ser favorável para a descoberta do homem como sujeito. É o espaço no qual a equipe de enfermagem pode participar com suas experiências, valores, desejos, preconceitos e crenças, compartilhando os

momentos de crise e os momentos de satisfação, permitindo-se adotar uma atitude crítica frente ao seu fazer, com uma busca constante para o enfrentamento de suas inquietações e dúvidas.

Por **Cotidiano do Trabalho** concebemos a dinâmica do dia a dia do trabalho. É nesse contexto que interagimos e expressamos nossos sentimentos, nossos valores, efetuando trocas, dialogando e propondo estratégias de ação. Acreditamos que, participando ativamente do nosso mundo de trabalho, poderemos construir nossa própria história, com nossas crenças, nossos desejos e valores, podendo, também, influenciar e sermos influenciados, transformar e sermos transformados, deixando nossas marcas.

Pelo **Processo Educativo**, os sujeitos participantes podem chegar a ser mais, fundamentalmente, mediante uma relação dialógica. Nessa perspectiva, acreditamos que o **Diálogo** seja uma fala com finalidade. É uma necessidade existencial, essencial para as relações dos sujeitos. O homem que se compromete poderá encontrar, no diálogo, um caminho para a sua libertação e para a mudança, descobrindo seu próprio significado, vislumbrando o significado de compartilhar e de ser. O diálogo pode ser entendido como um momento de encontro entre os homens para criar um momento comum de descoberta, para refletir, trocar e construir, reconhecendo-se sujeitos de seu próprio movimento.

Finalizando

A proposta pedagógica de Freire apresenta elementos para buscarmos a superação das condições vigentes, em uma concepção mais ampla e mais progressista: a da educação como ato político. Proporciona aos trabalhadores a possibilidade de desvelar a realidade e buscar

melhores condições de vida, mais cidadania, com um criticismo apurado, voltado para o benefício comum.

Considerando o exposto até o momento, verificamos que a proposta de Freire pode marcar profundamente a formação profissional, política e afetiva dos educadores da área da saúde/enfermagem, inspirando práticas em diversas partes do mundo, passando pelas instituições educacionais do Brasil e exterior. Cabe ressaltarmos que a construção de conceitos ancorados nas idéias de Freire não é suficiente para um agir crítico, reflexivo. Não é suficiente um discurso apenas teórico em defesa de uma prática educativa crítica quando um agir crítico não é estimulado e/ou possibilitado.

A prática da enfermagem reveste-se de forte componente educativo, seja com o cliente, família, comunidade, seja com o educando. Para tanto, é pertinente refletir sobre a educação vigente que, na maioria das vezes, é pouco crítica, colaborando para a acomodação de educandos e educadores. Isto implica repensar atitudes, mudar, renovar, repensar o real para transformá-lo a partir do movimento, do tempo, da historicidade. Esse desejo de mudança requer ações educativas pautadas em um agir ético, em uma transformação possível da postura profissional do enfermeiro, que depende do compromisso e do envolvimento entre educandos e educadores.

O desenvolvimento da compreensão dos conceitos que norteiam e sustentam nossa prática profissional permite a implementação de ações articuladas teoricamente bem como tornar real uma proposta de práxis transformadora, alicerçada em trajetórias metodológicas de trabalho que assegurem o diálogo, a participação e o desenvolvimento de uma consciência crítica comprometida com a transformação da realidade.

CONCEPTUALIZING THE NURSING PRACTICE FROM PAULO FREIRE'S APPROACH

ABSTRACT

Freire's proposals have greatly influenced the professional, political and affective background of educators. Nursing has been assuming his concepts and methods aiming to reach changes in its doing. The following text explains concepts built from Paulo Freire's findings, which support an assisting practice of questioning the daily work, along with nurses and nursing assistants, towards their awareness as workers of the nursing staff. Hence, the following concepts are described: man, dialogue, work, nursing, education, questioning and awareness.

Key words: Human resources in nursing. Nursing staff. Working conditions.

CONCEPTUANDO LA PRÁCTICA DE LA ENFERMERÍA ACERCA DE PAULO FREIRE

RESUMEN

Las propuestas de Freire han contribuido profundamente a la formación profesional, política y afectiva de los educadores. La enfermería tiene se apropiado de sus conceptos y métodos con el objetivo de alcanzar cambios en su hacer. Este texto intenta explicitar conceptos construidos acerca de Freire que han sustentado una práctica asistencial de problematización en el trabajo diario junto a las enfermeras y ayudantes de enfermería, hacia su conocimiento como obreros del personal de la enfermería. Los conceptos siguientes se describen: hombre, diálogo, trabajo en enfermería, educación, problematización y conocimiento.

Palabras Clave: Recursos humanos de enfermería. Equipo de enfermería. Condiciones de trabajo.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Ed Moraes, 1980.
- _____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- _____. **Educação e mudança**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997a.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997b.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997c.
- GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1997.
- SAUPE, R.; BRITO, V. H.; GIORGI, M. D. M. As concepções do educador Paulo Freire: como vem sendo utilizadas pela enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 70-75, jan./jun. 1997.
- SAUPE, R. **Educação em Enfermagem: da realidade construída à possibilidade em construção**. Florianópolis: EDUFSC, 1998.
- SILVEIRA, R. S. **A expressão do caminhar construído junto à equipe de enfermagem de uma unidade cirúrgica sobre o cotidiano do trabalho, com vistas a uma consciência crítica**. 2000. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- TRENTINI, M. Relação entre teoria, pesquisa e prática. **Rev. Esc. Enf.** São Paulo, v. 21, n. 2, p. 135-143, ago. 1987.

Endereço para correspondência: Rosemary Silva da Silveira. Rua Lino Neves, 677. Bairro Salgado Filho. Rio Grande/RS. CEP: 96202-600 . E-mail: anacarol@mikrus.com.br

Recebido em: 15/05/2005

Aprovado em: 22/08/2005